



**BREJO DOS CRIoulos:**  
**Costumes e tradições de uma comunidade remanescente de quilombolas através da**  
**fotografia em quadrinhos<sup>1</sup>**

Jhone Phillip Ferreira MOTA<sup>2</sup>  
Manoel Rodrigues Rocha NETO<sup>3</sup>  
Lidiane Silva SANTOS<sup>4</sup>

Faculdades Integradas do Norte de Minas, Montes Claros, MG

**Resumo**

Este artigo busca analisar a transmissão de fatos, informações e conhecimento através da linguagem fotográfica, acrescida de texto. O fotodocumentário - produto comunicacional que propõe uma narrativa de histórias a partir de fotografias em sequência é a base do trabalho que registrou a história e o cotidiano da comunidade remanescente de quilombos Brejo dos Crioulos, em Minas Gerais. O fotodocumentário, ligado às características da *picture-histories*, gênero do fotojornalismo com linguagem semelhante às das HQ's, amplia sua capacidade de atuar como denunciante. A história em quadrinhos (HQ) integra texto e imagem com o objetivo de narrar histórias, tornando-se um grande meio de comunicação de massa e produção cultural. A fotografia com caráter documental oferece, maior liberdade para retratar temas ligados ao ser humano, de denúncia social, etnografia e antropologia.

**Palavras-Chave:** Fotojornalismo. Fotodocumental. Quadrinhos. Quilombolas. Brejo dos Crioulos.

O Trabalho *Brejo dos Crioulos: costumes e tradições de uma comunidade remanescente de quilombolas através da fotografia em quadrinhos*, por meio do fotodocumentário, registra, no aspecto jornalístico e artístico, a comunidade remanescente quilombola Brejo dos Crioulos, situada no norte de Minas Gerais entre as cidades de São João da Ponte, Varzelândia e Verdelândia. O fotodocumentário foi escolhido por ser uma prática jornalística que utiliza a linguagem fotográfica para comunicar fatos, informações e conhecimento.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

<sup>2</sup>Graduado no curso de Comunicação Social-Jornalismo, da Funorte. e-mail: <jhonephillip@rocketmail.com>

<sup>3</sup>Graduado no curso de Comunicação Social-Jornalismo, da Funorte. e-mail: <netorodrix@yahoo.com.br>

<sup>4</sup>Docente do curso de Comunicação Social-Jornalismo, da Funorte. e-mail: <liussilva@gmail.com>



A escolha baseou-se no fato de o fotodocumentário ser um produto comunicacional capaz de levar ao público dados relevantes e acontecimentos utilizando--se, prioritariamente, das imagens, além de servir como um registro histórico. A diagramação das fotografias foi elaborada em forma de história em fotografia ou *picturestories*. Tendo essas questões como base, o projeto foi produzido com o formato dos quadrinhos, com imagem e texto interagindo de maneira sequencial para contar uma história.

O projeto busca apresentar um registro cotidiano da comunidade Brejo dos Crioulos, seus costumes, tradições, além de momentos que revelam e traduzem o dia a dia do lugar.

### **A história da fotografia**

Entre as variadas definições a cerca da fotografia, pode-se considerar a mais adequada para este artigo, a de Célia Martins (2010) no texto *A imagem fotográfica como uma forma de comunicação e construção estética: apontamentos sobre a fotografia vencedora do wordpresphoto 2010* no qual ela diz que a fotografia representa, de alguma maneira, uma espécie de fatia de um determinado espaço e tempo. Tal fatia pode ser considerada um recorte no tempo ou espaço, capturado por dispositivos fotográficos: eletrônicos, analógicos ou digitais. Esse recorte possibilita o registro, através de imagens, da história do homem, isso se caracteriza também como fotodocumental. Para entender o fotodocumentarismo, que é a base desse trabalho, se faz necessário conhecer a origem da fotografia.

Desde sua descoberta, foi no século XX o período em que a fotografia alcançou importantes evoluções. Após o daguerreótipo, a partir de 1900, o processo fotográfico passou a ser feito no formato analógico. Com isso as imagens podiam ser manipuladas sob luz artificial, as câmeras fotográficas tiveram seus tamanhos reduzidos e as objetivas produziam imagens de melhor qualidade.

Nesse contexto, segundo Victor Silva Lopes em *Iniciação ao Jornalismo Audiovisual* (1988), a imagem fotográfica, que antes cumpria uma função essencialmente estética e ilustrativa, tornou-se um elemento informativo, autônomo e indispensável. O mesmo autor ainda afirma que a fotografia tem uma “linguagem universal, visto que é um instrumento de expressão e comunicação facilmente reconhecido por todos.” (LOPES, 1988, p.4).

Nas três primeiras décadas do século passado surgiram inovações que aproximaram a fotografia da prática jornalística. Ivan Luiz Giacomelli, em *A transição tecnológica do*



*fotojornalismo - da câmara escura ao digital* (2012), destaca dois importantes momentos desse período:

com o lançamento, em 1912, nos Estados Unidos, de uma nova câmara fotográfica, chamada de SpeedGraphic. A partir da década de 1920, quando recebeu um novo flash com lâmpada elétrica, esta câmara seria a preferida de muitos repórteres fotográficos norte-americanos até o início dos anos 1960. (...) A década de 1930 foi marcada pelo lançamento do primeiro instrumento para medir intensidade da luz para fins fotográficos: o fotômetro de mão. (2012, p.64).

Nos anos 2000, a evolução tecnológica da fotografia digital caminhou para uma popularização. Os equipamentos tornaram-se mais baratos e, conseqüentemente, mais acessíveis. O advento da fotografia digital está ligado ao processo de transição que vive a fotografia atualmente. A evolução dos equipamentos digitais aponta para o término gradual da fotografia analógica nos próximos anos.

### **Fotojornalismo**

A história do Fotojornalismo está ligada intimamente com as guerras. A partir de 1855, as imagens de batalhas seriam reproduzidas de maneira artística. Muitas vezes sendo retratadas de forma propagandista e ideológica pelos militares. Roger Fenton é considerado, por muitos historiadores, como o primeiro fotógrafo a realizar a primeira reportagem fotográfica de uma batalha. Ele parte para a Guerra da Criméia (1855) com quatro assistentes e uma enorme quantidade de equipamentos. Entretanto, Fenton foi recomendado a não mostrar os horrores dos conflitos.

No Brasil, o cunho documental da fotografia teve como pioneiros Militão Augusto de Azevedo e Marc Ferrez. O primeiro dedicava-se a documentar cenas urbanas da cidade de São Paulo; as fotografias de maior destaque de Augusto de Azevedo foram feitas nos últimos 25 anos do séc. XIX. Ferrez contribuiu para o registro de um país em construção naquele tempo. Fotografias do cotidiano urbano e rural e da construção de ferrovias e navios foram alguns dos seus temas preferidos.

No fim do século XX, nos anos 1980, grandes nomes do FJ brasileiro ganharam expressão internacional. Sebastião Salgado é um dos maiores expoentes dessa época “foi o único fotógrafo a registrar a tentativa de assassinato do então presidente norte-americano Ronald Reagan”(OLIVEIRA, 2009, p.35). Por meio dessa fotografia, ele ganhou notoriedade



em todo o mundo. Salgado tem grande peso no fotojornalismo brasileiro pelos trabalhos em preto e branco de fotografia humanista ou engajada, termos definidos por ele próprio.

O brasileiro é considerado por vários autores com o maior fotógrafo do país, suas obras são extremamente polêmicas e de caráter humanista. Carla Victória Alborno (2005) em *Sebastião Salgado: o problema da ética e da estética na fotografia humanista*, consegue resumir precisamente o contexto de suas fotografias:

a fotografia humanista de Sebastião Salgado tem gerado tanto polêmica, como admiração. A mensagem engajada que transmite através de suas imagens em preto e branco sobre a situação extrema na qual vive uma parte da população mundial impactam pela sua beleza. Alguns o consideram um fotojornalista com uma forte sensibilidade estética e humanitária. Para outros, Salgado representa o maior expoente de um movimento que se aventura na procura de uma estética dentro da miséria. O que resulta inquestionável é que a temática que Salgado desenvolveu ao logo de seu trabalho foi a de apreciar a condição humana, independentemente do contexto, lugar, ou tempo. Através de uma técnica fotográfica purista, Salgado parece captar o que existe de mais essencialmente humano nas pessoas retratadas. (ALBORNOZ, 2004, p.94)

Este é certamente o fotógrafo brasileiro que difundiu trabalhos mais próximos da proposta que se pretende realizar com o fotodocumentário *Brejo dos Crioulos: costumes e tradições de uma comunidade remanescente de quilombolas através da fotografia em quadrinhos*.

Paralelo ao momento em que o fotojornalismo surgiu como importante instrumento de registro nas guerras do século XIX, o fotodocumentarismo ou fotografia documental propôs uma narrativa de histórias por meio de sequências de imagens. Tudo partia do princípio da busca por inovações, o que impulsionou os fotógrafos a idealizarem esse novo formato de registro. Para Sousa (2008) o gosto pelo exótico e a curiosidade pelo diferente vão promover a produção e difusão de fotografias de intenção documental de locais distantes e de paisagens.

Desde o seu surgimento, a fotografia documental assumiu o papel de denunciante e apoia-se no ideal de testemunha ocular da realidade, muitas vezes aliada à estética. Está subdividida em dois subgêneros: o fotodocumentarismo de denúncia social (transformação social); e o fotodocumentarismo de etnografia e antropologia, que aborda temas diretamente relacionados ao ser humano, ao seu ambiente, problemas da sociedade, conflitos étnicos e religiosos, guerras e a desigualdade social.

A fotografia documental proporciona ao fotofocumentarista a possibilidade de conhecer, analisar e preparar as condições para o seu trabalho. Pois, tal gênero é justamente



caracterizado por ser mais livre que o fotojornalismo. Justamente por essa liberdade o fotodocumentarista pode fazer seus registros sem compromissos temporais.

## Reportagem em Quadrinhos

De acordo com Jean-Bruno Renard, em *A banda desenhada* (1981), *The Yellow Kid* (*O Menino Amarelo*), de Richard Felton Outcault é considerado o primeiro personagem de histórias em quadrinhos (HQ). Desde a sua criação em 1895, as HQs tornaram-se uma poderosa ferramenta de comunicação. Por isso não é de se estranhar que alguns artistas passaram a usar as HQs para contar histórias reais. O grande destaque vai para o jornalista Joe Sacco, que, usando os métodos de apuração jornalística, criou um novo gênero jornalístico: a reportagem em quadrinhos. Natural de Malta e formado em jornalismo pela Universidade do Oregon, em 1981, Sacco passou dois meses em Israel e nos territórios ocupados, entre 1991 e 1992, viajando e levantando informações. O resultado foi a HQ *Palestina: uma nação ocupada*, publicada em janeiro de 1993 e considerada a melhor série em quadrinhos pelo Harvey Awards (Oscar da comunidade dos quadrinhos).

Joe Sacco prova que não só é possível, como, em certos aspectos, sua reportagem em quadrinhos é bem mais eficaz do que o tradicional texto jornalístico ou mesmohistórico/acadêmico. E este é o ponto mais fascinante: com muita ousadia, Sacco demonstrou a potência de uma linguagem que, aparentemente, é inadequada para tratar de um tema tão grandioso e terrível como é o conflito na Palestina. Resta explicar a fonte dessa potência: de onde a história em quadrinhos extrai a legitimidade para reivindicar para si o estatuto e a dignidade de reportagem jornalística. (ARBEX in: SACCO, 2000, p.7).

As técnicas para a produção de uma reportagem em quadrinhos são as mesmas de um repórter comum, que vão desde a escolha da pauta à captação das informações. Entretanto Sacco não enfrenta alguns problemas típicos do jornalista como, por exemplo, a obsessão pelo furo jornalístico, além de ter total liberdade para escolher o assunto da pauta. Outro ponto positivo desse tipo de reportagem é que o autor não sofre com a pressão do tempo, podendo estender ao máximo o seu trabalho para uma apuração mais detalhada das informações. Em suma, o trabalho de Joe Sacco, unindo o jornalismo e o quadrinho, merece atenção por motivos diversos, seja pelos brilhantes desenhos em preto e branco, pela humanização do relato (técnica fundamental do *New Journalism*) ou pelo caráter inovador de documentar uma



história.

Assim como nos quadrinhos de Joe Sacco, a obra *O fotógrafo*, de Didier Lefèvre<sup>5</sup>, consegue unir duas formas de comunicação distintas para narrar uma história, a fotografia e quadrinhos. A revista narra as diversas viagens feitas por Lefèvre ao Afeganistão fotografando momentos históricos, entre eles: a luta dos guerrilheiros Mujahedin contra a invasão soviética, em 1986; o fim da ocupação da URSS, em 1989; e o domínio de Cabul pelo regime Talibã, em 1996. Em 2003, Lefèvre publicou *O fotógrafo*, revista em três volumes com uma composição de fotografias em preto e branco, quadrinhos desenhados por Emmanuel Guibert e textos de Frederic Lemerrier.

O trabalho de Lefèvre, assessorado pelos desenhos de Guiberte textos de Lemerrier, é importante por ser o primeiro que incorpora e unifica fotos e quadrinhos numa narrativa sincronizada e equilibrada, produzindo sentido para a história apresentada. O TCC *Brejo dos Crioulos: costumes e tradições de uma comunidade remanescente de quilombolas através da fotografia em quadrinhos* segue os parâmetros de Lefèvre reforçando a idéia de que é tipo de trabalho ainda pouco difundido e que merece destaque na comunidade jornalística.

### **Comunidade Brejo dos Crioulos**

Antes de entrar no contexto histórico da comunidade pesquisada, faz-se necessário entender primordialmente o conceito ou definição do termo Quilombos. Ilka Boaventura Leite afirma, em *O projeto político quilombola: desafios, conquistas e impasses atuais* (2008), que a palavra é de etimologia bantu e, em sua origem africana “quer dizer acampamento negro na floresta”. (LEITE, 2008, p.965).

A comunidade rural negra remanescente quilombola conhecida como Brejo dos Crioulos está situada no norte de Minas Gerais, especificamente na região do Território Negro da Jahyba. Fica numa área de 17.302 hectares, que se estende pelos municípios de São João da Ponte, Varzelândia e Verdelândia; distante 598 km de Belo Horizonte e 175 km de Montes Claros. A estimativa populacional, segundo o último censo do IBGE (2010), é de

---

<sup>5</sup>Didier Lefèvre, fotojornalista, nasceu em 1957 na França. Em 1986, após sua viagem ao Afeganistão junto da organização Médicos sem Fronteiras, o jornal francês *Libération* publica seis de suas fotos em página dupla. Didier fez, ao todo, oito viagens ao país, que foram registradas no livro *Voyages en Afghanistan*, publicado em 2002, pela editora *Ouest-France*. Faleceu em 2007, vítima de um ataque cardíaco.



aproximadamente 3.140 habitantes, divididos em 503 famílias, distribuídos em oito núcleos populacionais: Araruba, Arapuim, Cabaceiros, Caxambu, Furado Modesto, Furado Seco, Orion, e Serra D'água.

A formação da comunidade deu-se em meados do século XVIII, quando negros fugitivos da escravidão do período colonial e imperial estabeleceram território na região que João Batista de Almeida Costa, em *Agreste e Brejo dos Crioulos: situações desiguais no território negro da Jahyba*, denominou como terra de ninguém ou terra que ninguém queria. Precisamente às margens do ribeirão Arapuim, afluente do Rio Verde Grande, na margem direita do médio São Francisco. Por ali, as condições climáticas propiciavam a proliferação do surto de doenças como a malária, o que afastou os povos brancos e indígenas. “No interior dessas condições ambientais centenas de pequenos núcleos negros, como quilombos ou calhambos, como são denominados regionalmente, foram formados e deram origem às centenas de comunidades rurais negras”. (COSTA, 2008, p.2)

No que se refere à ocupação da área entendida como Brejo dos Crioulos, Adelino Pereira de Aquino, em entrevista, relata quem foi o primeiro a chegar no lugar: “esse povo antigo, os meus tataravôs contavam que o primeiro cidadão, a primeira pessoa que chego aqui era um homi que se tratava de Mané Mudesto, que gero o resto de nós tudo”. Adelino, aos 76 anos é um dos poucos descendentes vivos do fundador da comunidade.

No fim do século XIX, já existiam 38 troncos familiares no território de Brejo dos Crioulos. As famílias residentes nessa comunidade, em tese, desfrutavam de certa liberdade. No entanto, a partir dos anos 1920, os grandes latifundiários das regiões próximas perceberam que a área era de terra fértil e com águas abundantes. Nessa mesma década, segundo Costa, “um fazendeiro do ribeirão Arapuim contratou um agrimensor, responsável pela divisão das glebas, terrenos próprios para cultura, destinados aos grandes fazendeiros ou comerciantes das povoações circundantes”. (2008, p.13).

Depois de tumultuada divisão de terras, entre as décadas de 1940 e 1960, a comunidade de Brejo dos Crioulos viveu tempos turbulentos. Nesse período, foi retomada a construção da ferrovia que liga o Rio de Janeiro a Salvador, passando pelo Rio Verde Grande; a mão de obra era quase toda de negros. Parte das matas do lugar foi explorada, “a derrubada da vegetação se deu sob coordenação de um nordestino que se aliara ao exército na luta contra a Coluna Prestes e com beneplácitos do governo federal e estadual comercializou os dormentes para a implantação da referida estrada”. (COSTA, 2008, p.83).



O nordestino a quem Costa se refere, é o Capitão Enéas<sup>6</sup>, dono de grande parte das terras e serrarias na antiga Burarama de Minas. Segundo relatos dos moradores do Brejo dos Crioulos, ele e Simão Campos<sup>7</sup> exploravam os negros da comunidade.

(...) chegou o Capitão Enéas aí, um coronelismo, danado da Paraíba, mandava e desmandava até lá em Montes Claros, jagunço dele matava muita gente aqui. Ele chamava as pessoa aqui nesses brejo de desgraçado. Era um homi veio barrigudo. Capitão Enéas mandava do rio verde, aquela vereda, no tanquim, aquele furado modesto, isso aqui tudo ele mandava. (...) ele chegava e pegava essa madeira do povo ai, aruêra, tirando e dizendo que quem mandava era ele, por ordi do governo, e as madeira era pra poste luz e drumente pra trilho. Esse Capitão Eneis, o que ele mandasse fazer tava feito, quem que mixia cum homi daquele?(AQUINO).

Os negros do Brejo dos Crioulos apenas começaram se organizar a favor da reconquista do território a partir da década de 1990. O morador Francisco Cordeiro Barbosa, o Ticão, um dos líderes da comunidade, explica em seu relato que só foi possível reconquistar o território depois que os moradores do Brejo criaram um projeto voltado para as políticas quilombolas. Com auxílio do antropólogo João Batista Costa, os moradores do lugar passaram a compreender a importância de lutar por suas terras:

É que na verdade agente teve um trabalho de mobilização, conscientização e formação da comunidade pelos seus direitos. Na verdade mesmo... eu fui desse projeto do quilombo que passou a saber através da constituição federal, viu através do art. 68 que os quilombos teria direitos a partir da constituição de 88. Ai agente começou também a fazer esse levantamento junto com um antropólogo lá de Montes Claros a fim de reconhecimento dessa comunidade. Ai agente fechou esse trabalho da criação da associação quilombola e eu fui presidente dela até 2005. A partir daí houve a necessidade de criar na federação do estado, houve a necessidade de se organizar comunitariamente. (BARBOSA).

Após muito tempo vivendo dependentes, os remanescentes quilombolas de Brejo dos Crioulos só tiveram suas terras devolvidas depois de muita luta. No ano de 1998, as famílias decidiram enfrentar os fazendeiros, “encaminharam solicitação à Fundação Palmares e ao

---

<sup>6</sup>Enéas Mineiro de Souza foi um importante político da região norte de Minas. Natural de Lagoa do Monteiro Pernambuco, o Capitão Enéas foi um dos mais influentes políticos da região. Foi prefeito de Francisco Sá (1946-1950) e Montes Claros (1951 - 1955), e fundador da cidade de Burarama de Minas (1963), atual Capitão Enéas.

<sup>7</sup>Simão Campos era chefe político, fazendeiro e atendia pelo título de Coronel. Foi o responsável pela emancipação política da cidade de São João da Ponte. Segundo César Henrique de Queiroz Porto e Clelma Rodrigues em *Mandonismo e violência em São João da Ponte, 1918-1970: um estudo de caso*, ao conseguir a emancipação, Campos “estava preparando todo o ambiente para o seu mando, que teve sua expressão maior nos atos de violência direta”. (2004, p.73).





Ministério Público Federal em Belo Horizonte quanto ao reconhecimento como comunidade remanescente de quilombos e quanto à regularização fundiária.” (COSTA, 2008, p.8). A solicitação só foi atendida em setembro de 2011, após 13 anos de lutas e protestos. A partir de decreto assinado pela Presidente Dilma Rousseff, parte dos fazendeiros foram desapropriados das terras que historicamente pertencem às famílias do Brejo. Com a assinatura, a comunidade foi reconhecida judicialmente como remanescente de quilombos por sua cultura, história e tradição.

Outra luta dos moradores é pela educação e saúde, elementos que não estão totalmente integrados ao território quilombola. Existem atualmente duas escolas dentro da comunidade e outras duas estão em construção. Mas, para Ticão, “ainda falta professores qualificados para ensinar aos mais jovens a história dos povos negros, pois eles são de fora e nós precisamos de professores de dentro da comunidade”. Ainda de acordo com ele, “os livros de história não contam toda a verdade por trás dos acontecimentos envolvendo os negros no Brasil após o fim da escravidão”.

Todo saber adquirido pelos moradores mais velhos vem dos longos anos vividos eu do modo de vida levado dentro do quilombo. Eliseu Ferreira de Souza, de 85 anos, conta o que aconteceu quando disse ao pai que queria estudar:

aí eu disse pai eu quero estudá. E ele disse ocê quer estudá? Aí ele me deu uma surra e disse: estudá não dá nada ninguém ocê tem é que pegá a inchada e í pras lavora trabaiair. Então eu nunca tive estudo, mas graças a Deus que os meus fios uns já tão tudo formado e ou outos ainda tão estudando.

É visível, atualmente, a preocupação com a preservação dos costumes e tradições aliado a uma educação que possibilitará uma condição de vida melhor para as novas gerações. Dentre as diversas manifestações culturais do Brejo dos Crioulos, que se busca preservar, existe o batuque, com toques de percussão e danças típicas. A mulher, por exemplo, tem um papel de destaque durante a realização do batuque. São elas que tocam a caixa, marcam o ritmo da dança e cantam as diversas cantigas.

### **Brejo dos Crioulos: costumes e tradições de uma comunidade remanescente de quilombolas através da fotografia em quadrinhos**

Tendo em vista a preservação e a documentação da vida dentro do Brejo dos Crioulos, o projeto foi elaborado em forma de história em fotografia ou *picturestories*- gênero do



fotojornalismo em que as imagens se assemelham à linguagem utilizada pelas histórias em quadrinhos, buscando registrar o cotidiano das famílias que vivem na comunidade, por meio da fotografia documental.

Para conhecer melhor a realidade local, realizaram-se entrevistas tendo como foco os depoimentos de personagens que se destacaram em acontecimentos importantes para a formação e estruturação do quilombo. A partir desse contato, desenvolveu-se um roteiro para a realização das fotografias. Nesse processo, foram escolhidos cinco personagens que melhor representassem a comunidade.

Os personagens foram selecionados levando em conta o critério de contribuição para com a comunidade durante o processo de reconhecimento do lugar como território quilombola. O senhor Adelino Pereira de Aquino, trabalhador rural, 76, é o Guardião da Memória, é o regente da história. Elizeu Ferreira de Souza, 85, aposentado, é uma das pessoas que saiu do Brejo em busca de melhorias. Francisco Cordeiro Barbosa, Ticão, 47, é uma espécie de advogado dos Crioulos. Romeu Cardoso de Oliveira Silva é o representante dos negros do Brejo, uma vez que viaja o país inteiro divulgando a cultura da comunidade. Valdomiro Lopes de Abreu (Miro), 49, é um artesão; suas peças retratam a natureza do lugar.

O projeto além de retratar esses cinco personagens, paralelamente conta a história das mulheres do Brejo dos Crioulos. A figura da mulher que trabalha no campo, que mantém viva a religiosidade e a cultura local, também é retratada. Os depoimentos e entrevistas desses personagens evidenciaram e destacaram acontecimentos importantes para a formação e estruturação da comunidade. Nesse contexto, Adelino Pereira de Aquino, resumiu um pouco do que os quilombolas viveram:

Eu costumo falar o seguinte: que até hoje tem um preto que tem vergonha e tem outro que não tem. O que, que eu quero dizer, tem um preto que sabe responder a resposta e tem outro que baixa, é capaz até de chorar. Por quê? Porque nessa época ês era sofrido, marrado. Depois começaram a falar: eu hoje não vou apanhar, não vou ser marrado desse branco mais, desse coronelismo mais.

O texto que acompanha as fotografias, fala da relação dessas pessoas com a comunidade Brejo dos Crioulos. Além de relatos particulares a respeito da sua vivência, trabalho, família e até mesmo do preconceito sofrido na região. Romeu Cardoso de Oliveira Silva, um dos mais jovens personagens, relembra um trecho que exemplifica a situação vivida pelo povo do lugar.



Os enquadramentos fechados possibilitaram ilustrar as expressões dos rostos e objetos que “representam” o povo do Brejo dos Crioulos. O fotodocumentário usou dos planos fechados a fim de assemelhar-se da diagramação das HQ’s para registrar as emoções e falas dos personagens.

O preto e branco é usado como linguagem que valoriza e evidencia imagens do cotidiano de Brejo dos Crioulos. Tal linguagem expõe também esteticamente os traços artísticos da imagem. Segundo Giovana Chichito, Maria Clara Rezende, Rachel Belo e Rafael Bokor (2006), no texto *Um instante em preto e branco*, “a fotografia em preto e branco é uma abstração do real, se coloca em um universo interpretativo e se encaixa perfeitamente na definição de arte”.

### **Considerações Finais**

O trabalho *Brejo dos Crioulos: costumes e tradições de uma comunidade remanescente de quilombolas através da fotografia em quadrinhos* mostra o papel da fotografia enquanto produto comunicacional. O modelo de fotodocumentário escolhido para o projeto revela um recorte da história de um povo que vem lutando para a reconquista de território e manutenção de sua cultura.

Todo o trabalho de pesquisas, estudos e produção do projeto permitiu experimentar na prática a rotina do jornalista fotodocumentarista. O exercício da busca pela imagem e depoimentos ideais reforçou e ampliou o conceito da fotografia documental como importante instrumento de transformação social.

De acordo com Rosane de Andrade, em texto do livro *Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro*, “a imagem fotográfica nasce da observação de uma realidade que está contida em uma estrutura cultural, ela vem carregada de significados. (...) A imagem comunga com o texto pra nos fazer melhor compreender e elaborar uma análise” (2002, p.74). Assim optou-se pela junção de texto e fotografia, com características e diagramação da HQ para expor a vivência da comunidade Brejo dos Crioulos.



## Referências

ANDRADE, Rosane de. *Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro*. São Paulo: Estação Liberdade; EDUC, 2002.

ARBEX, José. Prefácio. In: SACCO, Joe. *Palestina: uma nação ocupada*. São Paulo: Conrad, 2000.

ALBORNOZ, Carla Victória. *Sebastião Salgado: o problema da ética e da estética na fotografia humanista*. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2005. Disponível em: <[http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed\\_04/contemporanea\\_n04\\_09\\_CarlaVictoria.pdf](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_04/contemporanea_n04_09_CarlaVictoria.pdf)>. Acessado em 10/09/2013.

BONI, Paulo César. *O nascimento do fotodocumentarismo de denúncia social e seu uso como “meio” para transformações na sociedade*. Disponível em <<http://intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0475-1.pdf>>. Acessado em 20/09/2013

COSTA, João Batista de Almeida. *Mineiros e Baianos: englobamento, exclusão e resistência*. Brasília: Universidade de Brasília, 2003. Tese de Doutorado. Disponível em <[http://www.dan.unb.br/images/doc/Tese\\_051.pdf](http://www.dan.unb.br/images/doc/Tese_051.pdf)>. Acessado em 29/09/2013.

CONTANTINO, Camilla Soto. *A importância da fotografia no jornalismo cotidiano: o caso Correio Braziliense*. Brasília/DF: novembro de 2004, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas (FASA).

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ELIAS, Érico. *As virtudes de um ensaio premiado. Fotografe Melhor*. São Paulo, ano 11, n. 131, p.42-50, ago. 2007.

FERREIRA, José Carlos Felz. *A imagem na web: fotojornalismo e internet*. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/felz-jorge-imagem-web-fotojornalismo-internet.html>>. Acesso em 27/05/2013.

FIGUEIREDO, Daniel de Oliveira; KRAUSS, Regina. *O fotógrafo: fotojornalismo, quadrinhos e relato memorial*. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/download/10499/9200>>. Acessado em 22/08/2013.

GIACOMELLI, Ivan Luiz. *A transição tecnológica do fotojornalismo: da câmara escura ao digital*. Florianópolis: Insular, 2012.



KOSSOY, Boris. *Hércules Florence: 1833, a descoberta isolada da fotografia no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1980.

LEFÈVRE, Didier; GUIBERT, Emmanuel; LEMERCIER, Frederic. *O fotógrafo: uma história no Afeganistão*. São Paulo: Conrad, 2010.

LEITE, Ilka Boaventura. O projeto político quilombola: desafios, conquistas e impasses atuais. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

LOMBARDI, Kátia Hallak. *Documentário Imaginário: novas potencialidades na fotografia documental contemporânea*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2007. Dissertação. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/lombardi-katia-documentario-imaginario.pdf>>. Acessado em 11/09/2013.

LOPES, Victor Silva. *Iniciação ao jornalismo audiovisual*. Lisboa: Sociedade Editora, 1988.

MARTINS, Célia. *A imagem fotográfica como uma formade comunicação e construção estética: apontamentos sobre a fotografia vencedora do World Press Photo 2010*. Universidade Fernando Pessoa, 2010. Disponível em<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/martins-celia-2013-imagem-fotografica-como-uma-forma-de-comunicacao.pdf>>. Acessado em 27/09/2013.

MOURA, Clóvis. *Quilombos: resistência ao escravismo*. São Paulo: Ática, 1987.

NAKAZAWA, Keiji. *Gen pés descalços: uma história de Hiroshima*. São Paulo: Conrad, 2001.

OLIVEIRA, Erivam Morais de. *Da fotografia analógica à ascensão da fotografia digital*. Disponível em<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-erivam-fotografia-analogica-fotografia-digital.pdf>>. Acessado em 17/10/2013.

PEIXOTO, Ana Cristina Santos. *Linguagem e identidade em Brejo dos Crioulos*. Montes Claros: Unimontes, 2008. Disponível em <<http://www.fepeg2012.unimontes.br/?q=printpdf/node/2945>>. Acessado em 27/09/2013.

RENARD, Jean-Bruno. *A banda desenhada*. Lisboa: Editorial Presença, 1981.

SACCO, Joe. *Palestina: uma nação ocupada*. São Paulo: Conrad, 2000.

SALLES, Felipe. *Breve história da fotografia*, 2004. Disponível em <[http://www.miniweb.com.br/artes/artigos/Hist%F3ria\\_fotografia.pdf](http://www.miniweb.com.br/artes/artigos/Hist%F3ria_fotografia.pdf)>. Acessado em 22/08/2013.



SOUSA, Jorge Pedro. *Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa*. Porto: s/editora, 2002.

SPIEGELMAN, Art. *Maus: a história de um sobrevivente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

### **Fontes**

ABREU, Valdomiro Lopes de. Entrevista realizada por Jhone Phillip Ferreira Mota e Manoel Rodrigues Rocha Neto, em 28 de setembro de 2013, em Varzelândia (MG).

AQUINO, Adelino Pereira de. Entrevista realizada por Jhone Phillip Ferreira Mota e Manoel Rodrigues Rocha Neto, em 14 de setembro de 2013, em Varzelândia (MG).

BARBOSA, Francisco Cordeira. Entrevista realizada por Jhone Phillip Ferreira Mota e Manoel Rodrigues Rocha Neto, em 15 de setembro de 2013, em Varzelândia (MG).

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Araújo de. Entrevista realizada por Jhone Phillip Ferreira Mota e Manoel Rodrigues Rocha Neto, em 26 de outubro de 2013, em Varzelândia (MG).

PEREIRA, Idala. Entrevista realizada por Jhone Phillip Ferreira Mota e Manoel Rodrigues Rocha Neto, em 28 de setembro de 2013, em Varzelândia (MG).

SILVA, Romeu Cardoso de Oliveira. Entrevista realizada por Jhone Phillip Ferreira Mota e Manoel Rodrigues Rocha Neto em 26 de outubro de 2013, em Varzelândia (MG).

SOUZA, Elizeu Ferreira de. Entrevista realizada por Jhone Phillip Ferreira Mota e Manoel Rodrigues Rocha Neto, em 15 de setembro de 2013, em Varzelândia (MG).